

DN QUIXOTE



Publicado por Angelo Agostini
Largo da Carioca Nº 4. (Sobrado)



O tufão do dia 5. Quasi levamos a breca!
(Felizmente, nossos inimigos não tiveram essa consolação.)



O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1900

Escritorio e Redacção

LARGO DA CARIÓCA N. 4

SOBRADO

---:---

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre....	14\$000	Semestre....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os assignantes dos Estados que mandaram satisfazer a importancia de suas assignaturas, rogamos aos que ainda não o fizeram o obsequio de seguir tão bom exemplo, certos de que muito lhes ficaremos agradecidos.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio os numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escritorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

Liberdade de imprensa

Sob os titulos *Um caso* e *Bellezas de Officio*, estabeleceu-se uma discussão entre alguns collegas e que interessa toda a imprensa, pois que suscitou-se da tal discussão vir a pello a tão decantada liberdade de imprensa, da qual somos grandes apologistas e usamos d'ella quando é preciso e até abusamos quando preciso é.

Quer de um modo, quer do outro, usando ou abusando, jamais a nossa critica, seja a penna, seja a lapis, refere-se sinão a actos praticados por funcionarios publicos no exercicio de suas funcções, colhidos nos noticiarios de diversos jornaes, ou a factos praticados por particulares e que igualmente vêm à publicidade, destacando entre esses os que mais possam interessar o publico pela sua importancia ou pelos personagens que n'elles tenham tomado parte.

Do que nunca tratamos é de factos da vida intima de qualquer cidadão, pois que o publico nada tem com isso.

Sempre foi esse o nosso programma desde que estamos na imprensa, o que não é de hontem.

Por isso, quando nos encontramos com alguma victima da nossa critica não sentimos o menor constrangimento, porque não é o individuo que molestamos, mas sim o funcionario ou qualquer cidadão, por ter praticado um acto digno de censura e já no dominio da publicidade, com tanto que esse acto nada tenha com a sua vida privada.

E' assim que entendemos a liberdade da imprensa.

Ainda ultimamente, referindo-nos a tres victimas da nossa critica, demos um exemplo do nosso modo de proceder.

Em se tratando do Sr. Dr. Andrade Figueira, dissemos o seguinte no n. 120 do nosso jornal:

« Como homem particular, sempre respeitamos o Dr. Andrade Figueira; caracter de ferro, quebra, mas não dobra; serio e honesto como poucos, é egualmente um digno jurisculto.

Como homem politico é que nunca o pudemos tragar, e não somos os unicos.

No lamentavel incidente que se deu em sua residencia, e tanto deu que falar, é elle o unico culpado.»

Eis ahi o modo por que entendemos a liberdade de imprensa. Em poucas linhas, como se vê, estabelecemos o nosso programma, o nosso systema de censura; não é o homem que censuramos, pelo contrario, fazemos justiça às qualidades que o tornam digno do nosso respeito.

São seus actos que criticamos, por darem causa a um escandalo que poderia ter evitado.

A outra victima da nossa critica foi o Sr. conselheiro Ruy Barbosa.

Sempre demos provas da nossa maior admiração e alto conceito por tão eminente cidadão, não só pelo seu talento como pela sua grande illustração, e sentimos de véras que n'essa questão elle tenha escorregado no terreno das exaggerações, o que é só permittido em jornaes do nosso genero.

E é por essa razão que no mesmo numero 120, de 17 de Março, dissemos o seguinte:

« Sob os titulos *UM HOMEM* e *CONSPIRAÇÃO DAS CONSCIENCIAS*, o muito illustrado Dr. Ruy Barbosa publicou dois artigos realmente magistraes. Magistraes quanto à forma, como tudo o que sae

de sua extraordinaria penna e não menos extraordinaria cabeça, parecendo-nos ser esta uma vasta e rica bibliotheca historica e juridica, litteraria e [scientifica].

Mas... quanto ao fundo, Santo Deus, que disparates!

No primeiro, intitulado *UM HOMEM*, o Sr. Andrade Figueira é comparado a Chateaubriand!

Como troça seria admissivel, mas dito a serio é simplesmente ridiculo.»

Nos proprios desenhos em que figurou o illustre jornalista declarámos bem claramente que a critica à sua pessoa era unicamente devida à sua attitudo em relação ao facto occorrido com o Sr. Andrade Figueira.

Parece-nos não ser nenhum crime pensar de modo diverso do do Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.

Entretanto, pelo que vemos, o seu jornal *A Imprensa* presta-se a serve de instrumento a um miseravel que entende dever calumniar e insultar um collega do modo mais indigno.

Si é d'este modo que o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa entende a liberdade de imprensa, mórmente entre jornalistas, permitta-nos observar-lhe que não é imitando o *Corsario*, do Apulcho de Castro, que fará respeitar sua folha.

Supponhamol-a incapaz de commetter semelhante vilania por ver à sua testa o nome do Sr. Ruy Barbosa.

Não tememos a censura a nossas criticas por mais violenta que seja, desde que tenha por fim provar-nos que estamos em erro; o que não toleramos é o insulto e a vil calumnia, à qual não respondemos nem com a penna nem com o lapis, mas de outro modo.

Nem sempre a distancia, como actualmente, nos separará do miseravel que assim procede contra quem na campanha abolicionista, longe de aproveitar-se das economias dos escravos, sacrificou seus interesses para sustentar a luta até o fim, lavando por este modo a nodoa negra da escravidão que manchava a patria.

Foi o jornal monarchista o *Commercio de S. Paulo* que ousou, em artigo editorial, insultar-nos por esse modo.

E é assim que os Srs. monarchistas dão prova do seu patriotismo, criterio e educação!

E é isto que chama-se liberdade de imprensa!

E o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, também abolicionista como o nosso chefe, consente...

Ora, Sr. Ruy Barbosa, não nos faça crer que aquella cabeça que desenhámos na nossa primeira pagina e que referia-se unicamente à questão Andrade Figueira, possa referir-se a tudo.

Por mais violenta que seja a paixão politica, nunca deve supprimir o criterio nem abafar a razão.

A outra victima é o Sr. Dr. Coelho Rodrigues.

Tambem não criticámos o homem. Foram seus actos irreflectidos que censurámos com toda a energia, por ter commettido erros indesculpaveis desde que se sentou na cadeira de prefeito da Capital Federal.

Illudido na sua boa fé, acreditando, sem exigir provas, em tudo quanto lhe dizia uma quadrilha de salteadores que o rodeava, S. Ex. esposou a causa d'estes e deu por páos e por pedras, sem ver que sacrificava grandes interesses de pessoas que confiavam na sua lealdade, na fé de um contrato, no direito e na justiça.

Só depois de muito tempo e à força de abrir-se-lhe os olhos, o que se conseguiu por meio de muita censura, não só nossa como de muitos collegas de imprensa, é que S. Ex. o Dr. prefeito acabou por enxergar.

Hoje parece que S. Ex. reconhece ter sido victima de uma *chantage* vergonhosa, e estar convencido de que pretendiam fazer d'elle um docil instrumento para espoliar, em beneficio de um tal coronel Horacio e um *soi-disant* Dr. Lavrador, varios cidadãos que empregaram alguns milhares de contos de réis para a boa execução do contrato das carnes verdes, que ha mais de dois annos funciona com a maior regularidade em beneficio da nossa população, outr'ora tão sacrificada com a torpe especulação da matança livre, e a contento da nossa Municipalidade e de todos os prefeitos antecessores do Sr. Coelho Rodrigues.

Si de algum modo molestamos S. Ex. n'essa questão, criticando-o severamente, não se póde deixar de reconhecer que tínhamos toda a razão, e o Sr. prefeito, estamos convencido, não verá na nossa critica sinão um aviso para impedil-o de commetter um acto arbitrario e injusto

que compromettesse para sempre a sua administração.

Assim como criticamos certos actos administrativos incorrectos, também louvamos aquelles que são acertados; é este o nosso systema e do qual não sahimos.

Si a nossa penna e o nosso lapis são ás vezes rudes, é porque assim é preciso sempre que se trata de censurar abusos ou actos injustos, seja quem fôr que os pratique.

Liberdade, egualdade e fraternidade na critica.

Esta é a verdadeira *liberdade de imprensa*.

D. Maria Antonietta R. de Souza

O texto do nosso ultimo numero estava de todo prompto quando soubemos da celebre carta dirigida pelo ex-director da Casa da Moeda ao Dr. Murtinho, ministro da fazenda.

Por esse motivo talvez os nossos leitores e mesmo os que não sabem ler, não terão comprehendido a razão de apresentarmos em um dos nossos desenhos o Dr. Ennes de Souza vestido de Maria Antonietta, perante o tribunal, parodiando d'este modo a rainha de França, victima, como Luiz XVI, da terrivel Revolução Franceza.

Foi o proprio director (hoje ex) da Casa dos Legumes, isto é, da Moeda, que teve essa feliz lembrança.

Não sabemos a que proposito veio esse desproposito propositalmente atirado à face do Dr. Murtinho e do publico, embasbacados.

Do que não ha duvida é que o Dr. N.N. é um typo bastante original!...

Eis o que o illustre sabio em hortaliça disse ao ministro da fazenda no officio que lhe dirigiu em 30 de Março:

«Do mesmo modo por que Maria Antonietta, victima como eu da mais torpe das calumnias, appellava para as mães de familia quando, arrastada perante um horriavel tribunal, era accusada de incesto com o seu proprio filho; — pois tanto equivale accusar-me de prevaricação com a fazenda publica.»

Está, pois, explicada a razão do nosso desenho. O proprio Dr. Ennes é que se comparou à infeliz rainha de França, a quem o tribunal revolucionario mandou cortar o pescoço.

O Sr. Ennes de Souza, dos Nabos e da Moeda julga-se ainda n'aquella época e vê provavelmente no Dr. Campos Salles um terrivel Robespierre, no chefe de policia um Fouquier Tinville e nos ministros uns Danton, uns Saint-Just e outros sanguinarios cidadãos dispostos a mandal-o para a guilhotina, como fizeram á Maria Antonietta quando, honra seja feita ao nosso governo, elle não cogitou sinão de mandal-o á tabúa, ou plantar batatas, exactamente o que deveria ter feito ha mais tempo, visto ser essa a sua vocação.

A demissão do leguminoso e scientifico director foi recebida pelo publico com especial agrado, e todos os leitores de jornaes, principalmente os da *Gazeta* e do *Jornal do Commercio*, no «Dia a dia», tomaram um fartão de riso com monumentaes e succulentas troças.

Não se comprehendia, realmente, como se conservava á testa de um estabelecimento como é a Casa da Moeda um director que sempre deu provas da sua maior incapacidade technica e administrativa, causando graves prejuizos ao Thesouro, gastando improficuamente muito mais do que devia, fechando os olhos a todos os roubos alli havidos de sellos, estampilhas, etc., durante oito annos!

Já dissemos uma vez n'estas columnas que o director da Casa da Moeda tinha tarraxa que o prendia a esse estabelecimento.

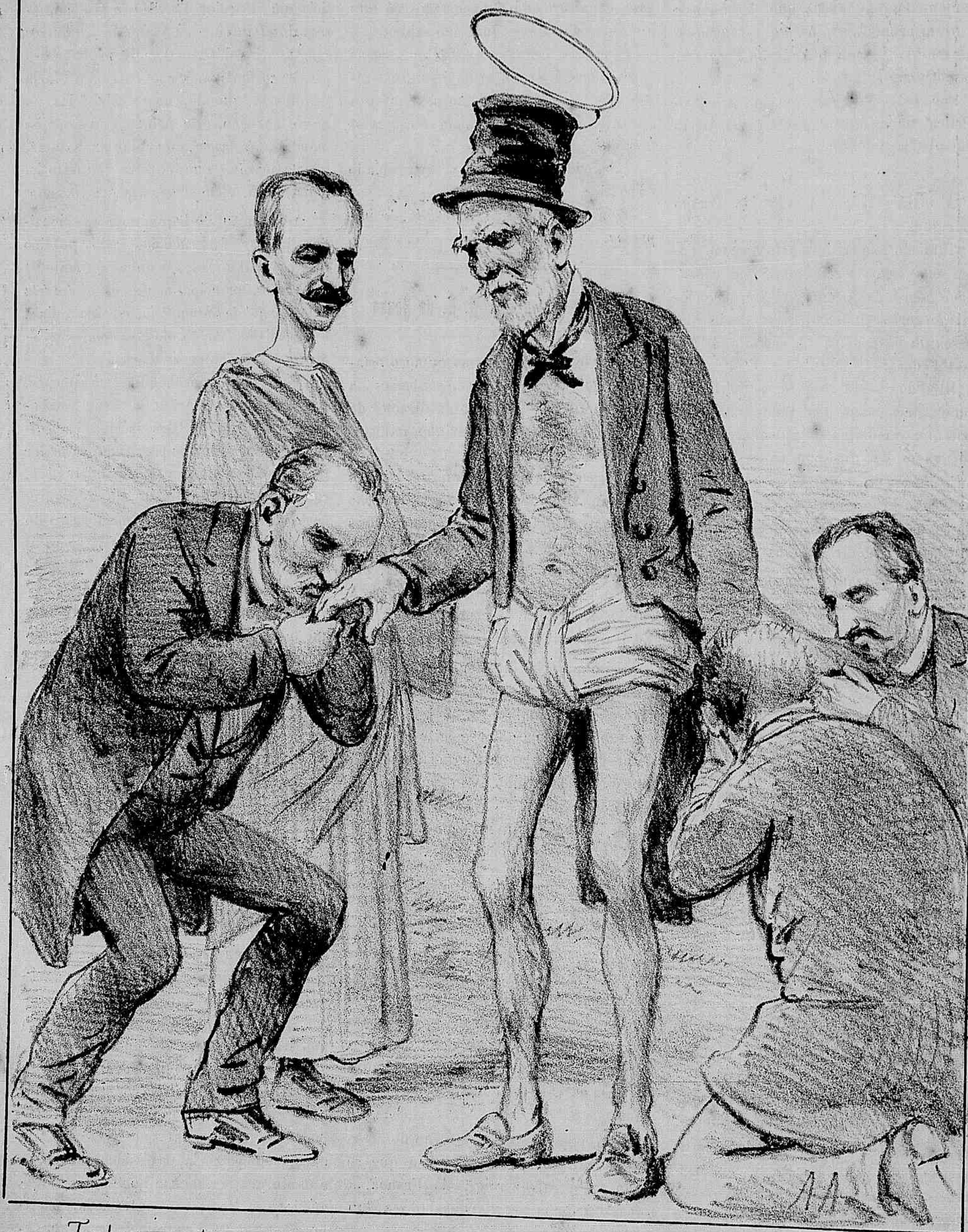
Não comprehendiamos tanta condescendencia e tanta fraqueza da parte de todos os ministros que têm occupado a pasta da fazenda desde 1889.

O Sr. Ennes de Souza teve a habili-dade de chamar o ridiculo e o descredito sobre essa Casa, que de Moeda só tem o titulo, transformando-a a seu bel prazer em Casa de Quitanda, demonstrando simplesmente ser um *delraqué*, o que quer dizer um homem cujo juizo... deixa algum tanto a desejar.

E a prova de que é realmente um *delraqué* ahí está a carta dirigida ao Dr. Campos Salles, que por ser um tanto longa não transcrevemos.

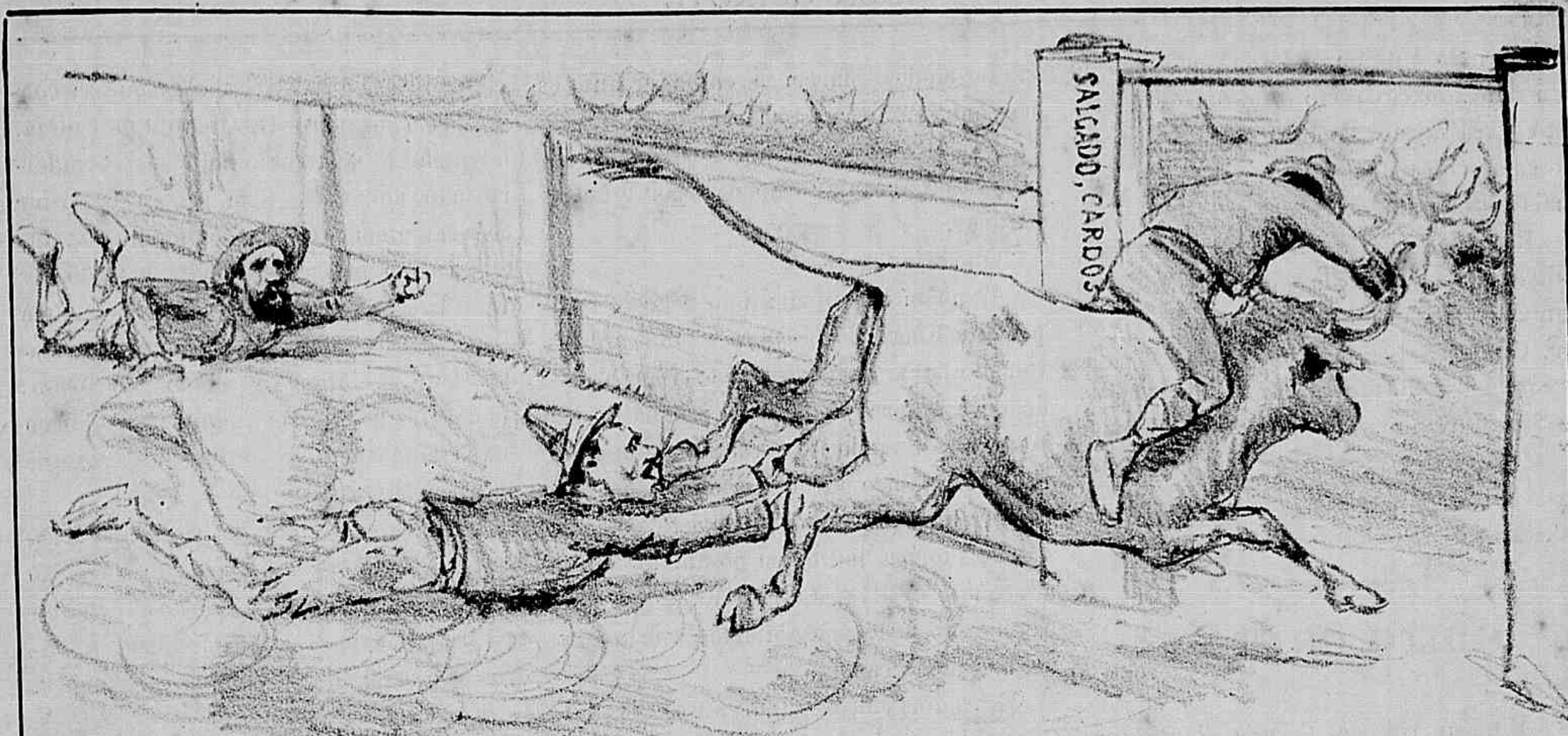
Nella o ingenuo Dr. dos legumes e dos sellos e estampilhas roubados colloca-se no setimo céo, declara-se plenamente consciente do seu valor moral, da sua competencia profissional, technica e administrativa, da sua honestidade, desambição e dedicação extremada, maxima austeridade e energia de acção; e de-

Nosso Senhor de Monte Alegre e o Prefeito da Capital.



— Todos os teus peccados serão perdoados, Coelho.

(Com certeza foi esta a homenagem que mais fez pasmar o novo Christo. (Creação Ruy.)



Consta que, afinal, o Coelho acertou com o verdadeiro curral, mas nem por isso o tal Horacio quer largar a teta.



Como se viaja hoje na E. de F. Leopoldina, graças aos actos de selvageria praticados n'essa estrada.

clara ainda que, gozando da reputação de um funcionario recto e zeloso, etc. etc. não dará a sua demissão por julgar-se possuidor de todos esses predicados e de mais alguma cousa, etc., etc.

Realmente não sabemos por que razão, julgando-se o *non plus ultra* de todos os funcionarios publicos, não pediu logo ao Dr. Campos Salles que o escolhesse para seu ministro da fazenda, em substituição ao Sr. Murtinho.

Que grande patusco esse Sr. Ennes dos Sellos, de Souza, dos Legumes e da Moeda!

MUITO GRATO...

Ao nosso collega *Correio Paulistano* muito agradecemos a publicação de seu artigo do dia 30 de Março, intitulado *CARTAS SEM TITULO*, e assignado *José Estevam*.

A descripção do nosso desenho tão bém feita, tão bem comprehendido foi elle que não é preciso tel-o diante dos olhos para vel-o.

Não podia o amavel articulista copiar tão fielmente e tão artisticamente o desenho alludido.

A penna do Sr. José Estevam foi ainda mais habil em desenhar a scena do enterro da conspiração Andrade Figueira do que o lapis de Angelo Agostini.

Ha outras scenas que igualmente o articulista desenhou, mostrando ser n'estes assumptos criticos um verdadeiro artista.

Muito grato lhe ficamos pelo seu esplendido artigo, que nos serve de compensação ao que contra nós latiu o *Commercio de S. Paulo*.

Esse jornal, que suppunhamos redigido por pessoas serias, tem lá um cão chamado *Terencio*, que ladra de um modo por demais inconveniente.

Estamos muito longe para que a ponta da nossa bota lhe dê a correcção que merece.

Em todo caso, aqui registamos a nossa intenção, esperando occasião opportuna.

NOTICIARIO

Continuamos no gozo da mais perfeita saude, graças a não termos o menor receio de comer carne de vacca, apesar de

certos medicos darem a entender que os bois em Santa Cruz têm carbunculo.

Nós sabemos que o fim d'esses taes esculapios é arranjar empregos por aquellas alturas.

Que crianças!...

Tambem continuamos no gozo da mais perfeita liberdade, graças a não termos tomado parte na conspiração-aborto Andrade Figueira & Comp., e egualmente por não ter vindo nenhum meirinho chamar-nos a juizo por causa da celebre ladroeira da Companhia S. Christovão, em que dois lorpas influiram no animo de um advogado, o Ulysses Brandão, para este chamar-nos á responsabilidade e mandar-nos metter na cadeia.

Estes dois ferozes individuos da tal Companhia da ladroeira e de S. Christovão, declararam que não estarão satisfeitos enquanto não nos virem a pão e agua e carregados de ferros, na mais escura e humida das enxovias

Barbaros!

Consta-nos que o Ulysses acha-se em Poços de Caldas para tratar de sua saude, avariada naturalmente pelo contacto a que se viu obrigado ter com... os muares da S. Christovão.

O cheiro das cocheiras não é tão saudavel como dizem, e ás vezes sobe á cabeça de quem não está acostumado a lidar com quadrupedes.

E' essa, naturalmente, a razão que levou o illustre advogado a dar um passeio até Poços de Caldas, deixando as duas Calypsos da S. Christovão inconsolaveis com a partida de Ulysses!

Por nossa parte fazemos votos para que o Sr. Dr. Ulysses Brandão se restabeleça e volte da sua viagem são como um pêro.

Precisamos ver em que fica esse negocio, e si realmente temos ou não de ir parar na cadeia, afim de, antemão, arranjarmos um ou mais substitutos para não interromper a marcha regularissima do nosso jornal.

Indemnisação

Desde já prevenimos aos Srs. directores da Companhia de S. Christovão e particularmente aos dois mais ferozes que se têm manifestado contra nós, assim como ao illustre advogado Ulysses Brandão, encarregado da terrivel execução attentato-

ria contra a nossa liberdade, que se conseguirem metter o D. Quixote na cadeia, o Sancho Pança, nosso fiel e leal escudeiro, não achando quem possa substituir convenientemente seu senhor e amo, intentará um processo de indemnisação aos ditos directores, que terão de pagar, além dos prejuizos materiaes e moraes causados, todo o dinheiro recebido dos nossos numerosos assignantes, que já pagaram suas assignaturas, e outras despesas que não podemos calcular.

Tudo isto pôde dar em resultado arre-bentar de uma vez a Companhia de São Christovão, arruinando todos os accionistas, já por demais escamados com a ladroeira e o escandaloso commettido ha me s.

Estão, portanto, avisados.

Disturbios

Dizem que os acontecimentos havidos na linha de Friburgo são devidos ás tarifas da Leopoldina.

Não duvidamos que assim seja, mas o que nos parece profundamente estúpido, da parte dos que procuraram vingar-se ou insurgir-se contra as taes tarifas, é arrancar os trilhos, queimar vagões, escangalhar locomotivas, destruindo assim o material de uma estrada de ferro, fazendo cahir sobre este toda a indignação justa ou injusta, como si os trilhos, os vagões e as locomotivas fossem a causa do augmento das tarifas.

Si estes imbecis que praticaram semelhante acto de selvageria tivessem preferido dizer um ao outro: Você da-me uma boa surra com este cacete, que depois eu dou outra em ti, teriam-se causado menos damno do que destruindo um material de que elles mesmos necessitam.

Isto faz-me lembrar os disturbios que se deram por occasião do imposto do vin-tim nas companhias de bondes do tempo da monarchia e do visconde de Ouro Preto, e que tentaram ultimamente renovar por occasião da grêve dos cocheiros o carroceiros.

Varios individuos dos mais endiabrados que tinham arrancado muitos trilhos e queimado bom numero de bondes da Companhia S. Christovão, viram-se em serios apuros no dia seguinte para virem de suas longinquas moradas para o centro da cidade onde eram empregados.

Muitos d'elles perderam seus empregos por não chegarem á hora certa, e outros

tiveram de levantar-se ás 3 horas da madrugada e galgar a pé grandes distancias, esfalfando-se afim de chegar á hora certa.

Nunca mais, disseram-nos alguns d'elles, cahiremos em semelhante tolice.

Os sapateiros é quem lucraram, pois que muitas solas se gastaram nas bellas calçadas das nossas ruas.

O mesmo acontece agora com os negocios da Leopoldina. Quanta gente não fica prejudicada com a interrupção do transito.

E' preciso acabar com esses systemas e para isso nunca as autoridades são bastante severas.

« Jornal do Brasil »

Este nosso collega vae de vento em popa.

Não contente com a sua grande edição da manhã, veio agora com uma outra edição, a da tarde.

Sim senhor, Dr. Fernando Mendes, gostamos de ver essa actividade, que passou a ser norte-americana.

Aquella viagem na terra de Washington, produziu excellente impressão no nosso collega e deu-lhe uma coragem realmente admiravel.

Que a sua edição da tarde seja tão feliz como a da manhã é o que sinceramente lhe desejamos.

« O Rebate »

E' este o titulo de um jornal que acaba de apparecer, declarando combater francamente pela restauração monarchica.

«Confiamos cegamente no futuro do Brasil.»

E' o que diz o novo collega e isto é uma verdade.

Que os monarchistas estão cegos não ha duvida alguma, elles mesmos o declararam.

Continuem, portanto, a confiar cegamente ou andar de olhos fechados até cahirem de uma vez.

Em todo caso, seja bem vindo o collega e confie cegamente desconfiando sempre.

Si non é vero...

Com este titulo lemos no *Diario do Natal* o seguinte que vem muito a proposito e é da maior actualidade, apesar do facto ter-se dado ha cinco annos:

«Quando, em fins de 1895, appareceu o manifesto restauracionista, constou á reportagem fluminense que, sendo elle

apresentado ao conselheiro Ferreira Viana, para assignal-o, dissera este: «Não, eu fico de fóra para requerer o *habeas-corpus*.»

Toda a gente conhece a *verve*, o espirito caustico de que deixou indeleveis traços o antigo e talentoso parlamentar.

Si não é verdadeira a versão que correu em 1895, é certo, porém, que o projecto advogado já teve a occasião de requerer o *habeas-corpus* preventivo, sendo publicada a sua petição.»

Roubo na Central

As ladroeiras nunca mais se acabam n'esta nossa terra que, depois de ter gozado durante tantos annos a fama de ser essencialmente agricola, passou a ser essencialmente jogadora, e agora essencialmente gatuna.

Além das gatunices particulares que vêm diariamente nos jornaes, tambem vêm de vez em quando as gatunices officiaes em não poucas repartições publicas.

Já a Central soffreu um roubo de alguns milhares de contos não ha muito tempo, apenas alguns annos, agora a somma é mais modesta, 240:000\$000 em ouro apenas. Emfim, já dá para arranjar a vida de qualquer cidadão ou funcionario publico pouco ambicioso.

Já sabemos que apesar de todas estas ladroeiras, nenhum d'esses illustres financeiros que metteram a mão na combuca, moram na chacara da rua Frei Caneca.

Para lá só vão e ficam os gatunos miseraveis e pifios que apenas roubam quantias insignificantes.

Os outros, os graudos, quando lá vão, é apenas para descansarem alguns mezes, emquanto não vão ao jury.

Quando chega a occasião de comparecer perante seus pares (O' bella instituição!) são logo tomados em grande consideração pelos jurados que si não negociaram de antemão o seu voto, sabem pelos advogados que o accusado será generoso uma vez absolvido.

Não se póde explicar de outro modo o não haver hospedes dessa qualidade na Casa de Correção.

Si ha homens serios no nosso jury, ninguém ignora que ha muitos outros que são trampolineiros.

Uma vez absolvidos, esses cidadãos gosam boa vida, moram em excellentes palacetes, têm varios predios, etc., etc., e não ha quem ignore que tudo aquillo é o producto de um roubo.

Esses bens e toda fortuna são tão respeitadas como se fossem legitimas.

Afinal, havemos de chegar a reconhecer que elles fazem muito bem e que nós os honestos é que somos uns tolos.

Eis o que lemos sobre esse ultimo roubo da Central:

Suspeitas geraes recahem sobre o con-

ferente Tavares contra o qual se está procedendo.

As fechaduras da casa forte estavam intactas.

Na casa forte havia 240:000\$ em ouro, distribuidos em cinco caixões.

O Sr. delegado da 8ª circumscripção foi immediatamente effectuar uma busca em casa de Tavares, na de um seu irmão e na de alguns parentes deste, nada encontrando.

O indiciado nega o crime, porém cae em continuas contradicções. Em seu bolso foram encontradas quatro cautelas de penhores de objectos de pouco valor.

As diligencias continuam.

E as ladroeiras tambem continuarão.

Si o tal Tavares é o culpado, não temos pena d'elle.

Depois de passar por alguns incommodos judiciais, elle, assim como os outros, gozará d'aqui a alguns mezes, vida boa e regalada.

Movimento diplomatico

Com este titulo *A Imprensa* do dia 31 de Março publicou o seguinte:

«Constava hontem em muito boas rodas que o governo pensava em nomear para o cargo de ministro plenipotenciario em Londres o Sr. José Carlos Rodrigues.

Certos do desmentido official, antecipadamente declaramos que a noticia é verdadeira.»

Que boas rodas serão essas que fizeram o collega dar tal noticia, declarando ser verdadeira?

Quem foi nomeado foi o Sr. Joaquim Nabuco.

Já vê, portanto, que com taes rodas o collega espichou-se redondamente e só póde rodar para o descredito.

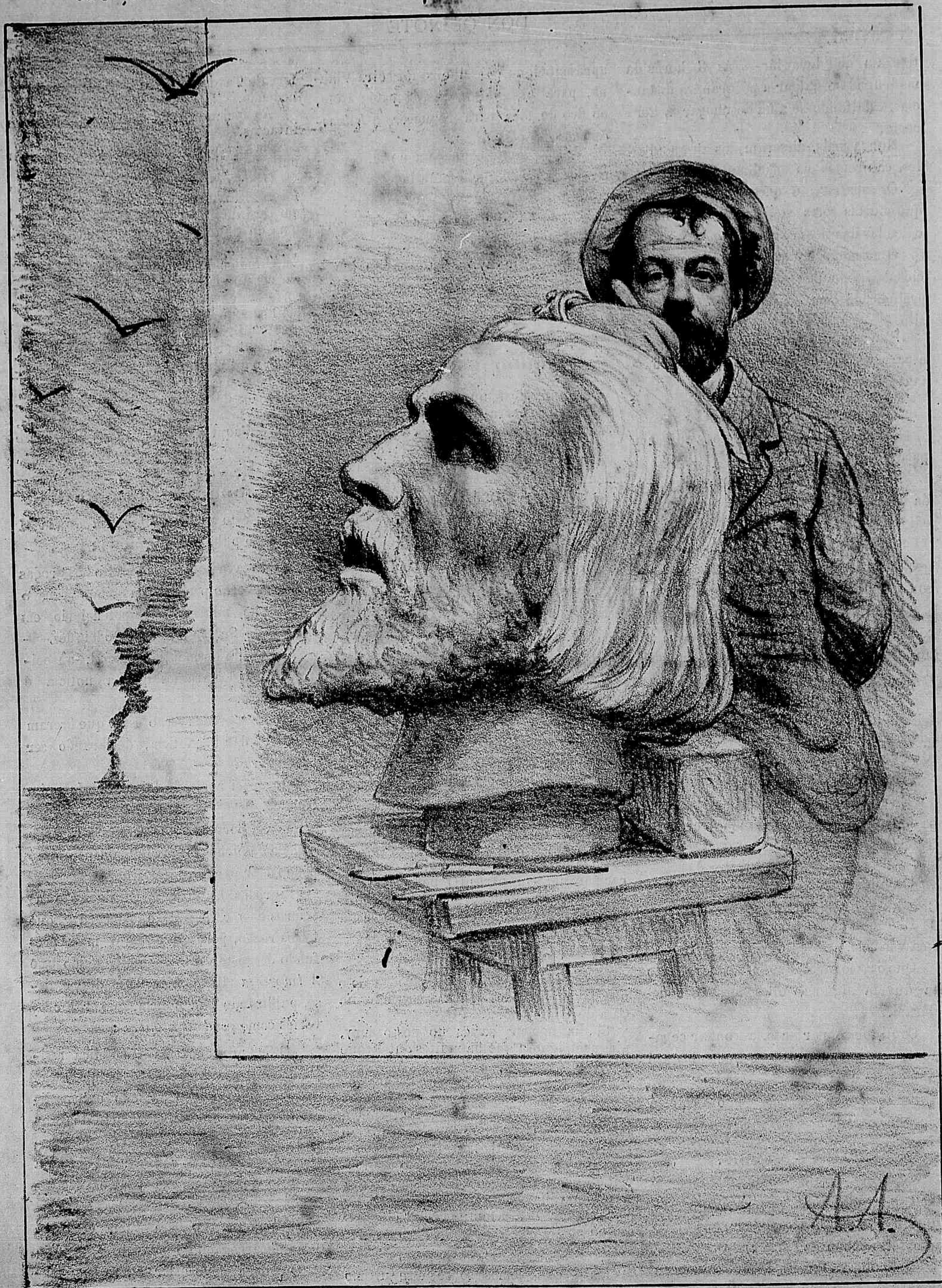
As rodas das intrigas politicas são as peiores e o collega deve concordar que temos razão, pois não é sem o mais profundo desgosto, estamos convencido que *A Imprensa* viu-se obrigada a desmentir-se, publicando esta noticia, que transcrevemos como *pendant* á outra:

«O Sr. presidente da Republica assignou hontem o decreto nomeando o Sr. Dr. Joaquim Nabuco enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil em Londres, assim como a carta credencial, que n'esse character o acredita junto ao governo de sua graciosa magestade.

O Sr. Dr. Oliveira Lima continúa como encarregado de negocios.»

O collega deve estar agora bem convencido de que as taes rodas não são lá tão boas como disse.

A cabeça de Alvares Cabral e Rodolfo Bernardelli no seu atelier em Paris.



*É no dia 9 que devem chegar o grande Bernardelli e o grande Cabral.
Inútil é dizer que serão recebidos com todo o entusiasmo.*